

REIFICAÇÃO E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA NO CAPITALISMO MODERNO: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DA EDUCAÇÃO À LUZ DO MATERIALISMO DE MARX E LUKÁCS.

Erivânia de Meneses Braga/ Graduanda em Filosofia pela UECE e bolsista PIBID- Filosofia

As questões ora colocadas nesta pesquisa derivam, primeiro, das “consequências intelectuais decorrentes do caráter da sociedade burguesa e dos limites sistemáticos do seu pensamento”¹ e, segundo, do problema da divisão do trabalho como ponto fundante das estruturas reificadas da sociedade capitalista nos âmbitos objetivos e subjetivos e suas implicações nas estruturas educacionais da sociedade, seja em sentido *latu*, seja em sentido *strictu*.

Na primeira parte, faremos uma reconstrução, a partir da leitura interna da seção “As antinomias do pensamento burguês”, de todo o desenvolvimento da filosofia moderna com ênfase nos processos de racionalização do pensamento filosófico e na criação de sistemas racionais de cálculo que fundamenta toda a epistemologia moderna e que influencia diretamente a forma como irão se desenvolver a economia, a ciência e o direito, bem como, toda a estrutura psicológica dos indivíduos inseridos na indústria moderna. O foco principal, no entanto, é a crítica lukacsiana à chamada revolução copernicana de Kant, segundo a qual o mundo é produto do sujeito cognoscente. A crítica deriva do fato de que a racionalização do mundo pela modernidade cai no irracionalismo que tem como principal causa a “coisa em si” kantiana; tal irracionalidade possibilita a criação das antinomias sujeito-objeto, liberdade-necessidade, forma-conteúdo, indivíduo-sociedade, etc., que impedem o conhecimento da totalidade. No entanto, tais antinomias extrapolam o limite epistemológico e influenciam diretamente a forma como os indivíduos irão se organizar ante a este novo modo de sociabilidade, a burguesa.

A partir desse ponto, iniciaremos a segunda parte desta pesquisa, que compreende uma investigação acerca da consciência forjada no capital por

¹ LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Ed. Martins Fontes: 2003, p. 321.

meio da divisão do trabalho e pelo intercâmbio de mercadorias, de acordo com uma análise histórico-dialética a partir dos pressupostos marxianos. Objetiva-se, portanto, elucidar os seguintes questionamentos: o que fundamenta o pensamento e/ou a consciência no capitalismo? Como essa consciência determina/contribui para a perpetuação da sociedade de classes e da reificação?

Verificamos, pois, que se para Marx e Lukács a consciência dos homens é derivada das estruturas sociais em que os indivíduos estão inseridos, então a filosofia fundada no interior da sociabilidade burguesa só poderia ser igualmente burguesa. O que caracteriza a consciência burguesa é justamente a percepção que ela tem da realidade objetiva apenas enquanto *imediatidade*, ou seja, para a consciência burguesa, todas as relações sociais se dão de forma *imediatas* (sem mediação). A coisa em si kantiana surge nesse ponto como o problema fundamental da filosofia moderna, pois, a partir dela o conhecimento do mundo passa a ter caráter puramente subjetivo, cuja busca por uma realidade efetiva e inalterada e o conhecimento da história aparecem como uma coisa em si regida por um sistema de valores culturais rígidos.

Conferimos que, para Lukács, essa *imediatidade* na forma como os indivíduos percebem suas relações não desvela as verdadeiras estruturas da realidade, que devem ser buscadas pelo conhecimento do processo histórico como totalidade. Nas relações *imediatas* os homens percebem os objetos, à primeira vista, apenas enquanto existência real e objetiva, enquanto as relações que os objetos engendram na sociedade se mostram somente como algo secundário e meramente subjetivo. No entanto, *imediatismo* e *mediação* fazem parte do mesmo movimento dialético, todo objeto imediatamente dado é *imediatamente* percebido, porém a passagem da imediação para a mediação se dá através do conhecimento da “gênese” do objeto, de sua produção.

Esse processo de passagem do plano *imediatas* para o *mediato* é uma tendência real do próprio objeto, porém, o pensamento burguês contribuiu de maneira fundamental para a cisão cada vez maior desses dois momentos e, a partir disso, “a realidade decompôs-se numa quantidade de facticidades que não podem ser racionalizadas e sobre as quais foi lançada uma rede de ‘leis’

puramente formais e vazia de conteúdo”² indispensáveis para a compreensão do mundo. É exatamente a falta de crítica que impede a filosofia moderna de efetuar o movimento dialético do pensamento e levar a análise da realidade a sua conclusão lógica, efetuando, por vezes, um movimento contrário e permanecendo na *imediatez*. Para tanto, a divisão do trabalho desempenha um papel fundamental para a perpetuação das relações reificadas entre os homens, levando-os a desenvolverem-se apenas unilateralmente e impedindo o acesso a uma consciência da realidade da totalidade. Todavia, para alcançar a onilateralidade, ou seja, um desenvolvimento universal das potencialidades humanas e sair do círculo da reificação, os homens devem buscar cada vez mais mediações que possibilitem alcançar o conhecimento do mundo enquanto totalidade.

A falsa consciência não é nada mais que produto da divisão do trabalho, e isso significa que a existência também determina a consciência, ou seja, a compreensão da forma como os indivíduos se organizam em sociedade é basilar para compreendermos como será o arquétipo ideológico destes indivíduos e como se origina a consciência do ser consciente, a forma consciente do ser social. Porém, o ser consciente do ser social tem sua existência vinculada à totalidade que é, por definição, o reverso da unilateralidade, da falsa consciência.

A saída para a questão da unilateralidade e da reificação não seria apenas a criação de um tipo de educação politécnica, em que o aluno pudesse aprender uma diversidade de habilidades, cujo foco é ainda o desenvolvimento das forças produtivas do capital. Ora, o desenvolvimento do trabalho abstrato, próprio do capitalismo moderno, consiste na máxima fragmentação de tarefas, “em que o resultado final só pode aparecer através da soma total do conjunto dessas atividades parciais”³. No entanto, enquanto a indústria moderna exige, por um lado, o parcelamento máximo do trabalho, por outro, requer certa capacidade de adaptação da força de trabalho às mais versáteis atividades possíveis. Nesse sentido, a politécnia seria apenas uma formação no maior

² Ibid., p. 319.

³ SOUSA JÚNIOR, Justino de. *Marx e a crítica da educação: da expansão liberal democrática à crise regressivo-destrutiva do capital*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2010. p. 78.

número possível de atividades industriais. Porém, isso não significa que a politecnicidade não seja fator importante para a superação da reificação. Marx elabora um sentido novo e positivo para esse conceito, qual seja, a capacidade dos trabalhadores de dominação dos fundamentos científicos, técnicos e práticos dos diversos processos de trabalho.

Todavia, a politecnicidade ainda não representa a superação da realidade reificada e da falsa consciência, esta é apenas uma proposta de possível preparação do trabalhador em prol de sua organização enquanto classe. A formação politécnica não precisa romper com o capital, pois não é baseada nas relações sociais emancipadas, pelo contrário, é diretamente vinculada à estrutura da sociabilidade capitalista e, portanto, é incapaz de formar o homem onilateral.

Por seu turno, a ruptura com a sociabilidade burguesa é *conditio sine qua non* para a onilateralidade, pois o onilateral remete à variedade e complexidade das dimensões humanas. Para Sousa Júnior, essa complexidade se dá em uma sociedade constituída de,

homens que se afirmam historicamente, que se reconhecem mutuamente em sua liberdade [...]; que superam a separação entre trabalho manual e intelectual e, especialmente, superam a mesquinhez, o individualismo e os preconceitos da vida burguesa, [e isto só é possível com uma ruptura] nos níveis da moral, da ética, do fazer prático, teórico, da afetividade; enfim [...] uma profunda ruptura com os modos de subjetividade, individualidade e vida social estranhada⁴.

A onilateralidade estabelece uma estreita relação com o conceito de totalidade, pois está associado à amplitude e à multiplicidade da riqueza do desenvolvimento humano, universal e livre. E somente através do amplo desenvolvimento das forças produtivas, do estabelecimento de um intercâmbio universal e de indivíduos universais que é possível a superação da realidade reificada assim como de toda a falsa consciência dela advinda.

Ademais, o conhecimento da “gênese” do objeto se dá somente quando há uma identificação desta com o sujeito que lhe produziu, quando as antinomias causadas pela coisa em si deixam de existir. O sujeito-objeto

⁴ Ibid., p. 87.

idêntico é o único capaz de conhecer a realidade enquanto totalidade, pois este concebe o mundo como produto e produtor de si e este fato modifica completamente sua relação com a realidade: deixa de ser contemplador das leis da “segunda natureza” e passa ser *sujeito da ação*. De acordo com Lukács, a única classe habilitada a realizar essa virada é o proletariado através de sua consciência de classe. Pois a consciência de classe do proletariado é a única voltada para uma ação historicamente decisiva da classe enquanto totalidade e esta ação deve ter como consequência fundamental a própria supressão da classe.

Referências bibliográficas

ENGUITA, Mariano Fernández. *Trabalho, escola e ideologia: Marx e a crítica da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FICHTE, *System der Sittenlehre. Werke II*.

LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Ed. Martins Fontes: 2003.

MARX, *Zur Kritik der politischen Ökonomie*, MEW 13.

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro primeiro: O processo de produção do capital, Tomo I. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. (Col. Os Economistas).

_____. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política*. V. II, Madri, 2º ed., 1972.

SOUSA JÚNIOR, Justino de. *Marx e a crítica da educação: da expansão liberal democrática à crise regressivo-destrutiva do capital*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2010.